



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

ALINA DE FÁTIMA DO CARMO MIRANDA SILVA

**NARRATIVA SOBRE MEMÓRIAS EDUCACIONAIS E AS INTERFACES NO
PROCESSO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL (DOCENTE), BRAGANÇA-PA**

BRAGANÇA - PARÁ
SETEMBRO – 2019

ALINA DE FÁTIMA DO CARMO MIRANDA SILVA

**NARRATIVA SOBRE MEMÓRIAS EDUCACIONAIS E AS INTERFACES NO
PROCESSO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL (DOCENTE), BRAGANÇA-PA**

BRAGANÇA - PARÁ
SETEMBRO – 2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

ALINA DE FÁTIMA DO CARMO MIRANDA SILVA

**NARRATIVA SOBRE MEMÓRIAS EDUCACIONAIS E AS INTERFACES NO
PROCESSO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL (DOCENTE), BRAGANÇA-PA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao
Curso de Pedagogia, à Faculdade de Educação do Campus
Universitário de Bragança, Universidade Federal do Pará,
como requisito para obtenção de grau de Licenciada em
Pedagogia.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Francisco Pereira de Oliveira – Orientador

Universidade Federal do Pará – UFPA
Campus Universitário de Bragança
Faculdade de Educação

Profa. Me. Nádia Sueli Araújo da Rocha – Membro Titular

Conceito: _____

Universidade Federal do Pará - UFPA
Campus Universitário de Bragança

Profa. Me. Simone Bittencourt Braga – Membro Titular

Conceito: _____

Universidade Federal do Pará - UFPA
Campus Universitário de Bragança

BRAGANÇA - PARÁ
SETEMBRO – 2019

AGRADECIMENTOS,

Em primeiro lugar e com o coração cheio de alegria, eu agradeço a DEUS pelo dom da vida e a oportunidade que me concedeu de alcançar a conclusão dessa primeira graduação, em uma Universidade Federal pública;

Aos meus pais, Antônio e Maria Lúcia, e aos meus irmãos que sempre me incentivaram para continuar os estudos e estiveram ao meu lado dando apoio, apesar das dificuldades financeiras e da deficiência.

Ao meu irmão, Jonas (*in memoriam*), que mesmo nos seus últimos momentos de vida me ensinou muito sobre convivência e amizades;

Ao meu avô, Sr. Raimundo Ferreira do Carmo (*in memoriam*), que mesmo sendo uma pessoa analfabeta muito me ensinou durante seus anos de vida;

Ao meu esposo, José Enrique da Silva, meus filhos Henrique, Gabriel e Emely, ao meu neto, Joseph Gabriel (que nasceu no momento final da graduação) e a minha nora, Marcilene, todos eles me proporcionaram muitos aprendizados e também serviram de inspiração nos momentos difíceis para que eu não desistisse do curso e continuasse a lutar na busca de melhoria para todos nós;

Aos meus familiares e amigo(as) da igreja, que oraram por mim e me apoiaram para que eu tivesse força para superar os momentos angustiantes por quais passei;

As minhas cunhadas, Maria Claudia e Eliene, que estiveram comigo desde o primeiro momento quando precisei realizar o exame de perícia médica, em Belém, e sempre me recebiam com alegria em suas casas;

Aos professores da graduação, pela paciência, carinho, dedicação e competência com que fizeram seus trabalhos, apesar das dificuldades para realizar as adaptações dos materiais didáticos (ampliação dos textos), minha gratidão;

Aos professores(as) Adão Borges, Nelane Marques, José de Moraes, Iracely Rodrigues, Sebastião Rodrigues, Francisco Oliveira e Raquel Amorim, por acreditarem no desenvolvimento humano além da deficiência e pela oportunidade que me deram de participar e de conhecer outros ambientes de estudos/pesquisas com culturas diferentes;

Aos colegas de turma, pelo companheirismo e convívio durante os quatro anos de Curso, pelo esforço em adaptar os recursos para que eu pudesse acompanhar as atividades, e pelas as oportunidades proporcionadas.

À equipe de trabalho que muito se empenhou para que eu chegasse ao final dessa graduação, Jamerson Gabriel, Jennifer Damiane, Joerlam Cardoso, Francisco Gerinário, Antônio Matheus e outros, que nos momentos difíceis sempre me estenderam as mãos;

Ao professor Dr. Elielson Ribeiro Sales, líder do grupo de estudos *Ruaké*, pela acolhida no grupo e compartilhamento de conhecimentos;

Ao professor Me. Marcos Moraes, pelo convite para participar do grupo *Ruaké* e por acreditar no meu potencial enquanto pessoa com deficiência;

Aos professores Joaquim Rocha, Simone Bitencourt, Nádia Rocha e Tiago do Rosário, do Núcleo de Assistência Estudantil do Campus de Bragança, pelo apoio e os diálogos que muito me ajudaram e me fortaleceram para que eu chegasse ao final dessa graduação.

A Coordenadoria de Acessibilidade (CoAcess), Campus de Belém e toda sua equipe, em especial a Profa. Arlete Marinho e a Glaubia Amaral, pela atenção, inteira disposição e competência com que estiveram me auxiliando ao longo desses quatro anos de curso;

A Silvia, Edson, Eunice, Izabele, Eliza, Felipe, Eliana e Marcos, pelo privilégio de conhecer e aprender a respeitar cada um, por me receberem bem no grupo de estudos e me incentivarem mesmo quando estava prestes a desistir mediante tantas dificuldades, desafios e barreiras;

Ao Prof. Dr. Francisco Pereira de Oliveira, a Geissa Ferreira e ao Raul Santos, por terem aceitado o desafio de orientar uma pessoa com deficiência e muitas complicações pessoais, meus sinceros agradecimentos;

A todos que compõem a equipe da Faculdade de Educação tanto na gestão anterior quando iniciei o Curso quanto aos que estão agora pelo esforço e dedicação no atendimento em conseguir os recursos tecnológicos necessários para auxiliar meus estudos.

E finalmente, a todos que de alguma forma contribuíram para que eu concluísse minha graduação e na realização deste trabalho.

O meu muito obrigada!

A Deus, pela sabedoria e conhecimento concedido ao longo da vida.

Aos meus pais e irmãos pelo cuidado, amor e carinho, incentivo e confiança.

A minha família, marido, filhos, nora e neto, que tanto tem me ensinado ao longo desses anos.

As professoras e professores da infância à graduação que se dedicaram ao ofício de ensinar, repassar os conhecimentos através das aulas ministradas com muita dedicação.

A todos que, de alguma forma, contribuíram direta ou indiretamente para que eu pudesse chegar até aqui.

O vento não me derrubou, o medo não me parou
A guerra me feriu, mas a experiência ficou
Eu não me calei e não vou me calar
Enquanto houver fôlego vou adorar
Posso até ter caído na guerra, mas caído não vou ficar
Sei que esse vento vai passar
Também sei que o meu milagre vai chegar
Deus conhece a minha história, sabe tudo sobre mim
É só olhar pra trás para ver quantas guerras já venci
[] Essa guerra não te mata, vai te fortalecer
É nesse deserto que Deus vai prover
Se prepare, tem novidade chegando pra você [].
Deus dá força ao cansado, levanta o caído, exalta o humilhado,
Ele cuida do ferido [].
Se alguém perguntar como você venceu
Você vai dizer assim
Sobrevivi adorando, sobrevivi confiando
Sobrevivi, não desistir, Deus cuida de mim
Ele cuida de mim.

(Canção de Shirley Carvalhaes / Sobrevivi)

NARRATIVA SOBRE MEMÓRIAS EDUCACIONAIS E AS INTERFACES NO PROCESSO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL (DOCENTE), BRAGANÇA-PA¹

Alina de Fátima do Carmo Miranda Silva²

Francisco Pereira de Oliveira³

RESUMO

O presente estudo intitulado “Narrativa sobre memórias educacionais e as interfaces no processo de formação profissional (docente)” nasce da inquietude impressa por mim: quais as minhas memórias concernentes ao percurso estudantil, desde a educação até ao ensino superior? Logo, objetivou-se descrever as minhas memórias do percurso estudantil e suas interfaces no processo acadêmico, assim como analisar o processo de experiências e aprendizagens adquiridas no decorrer desse tempo para a constituição de minha identidade como ser humano. Inicialmente, posso ressaltar que não me subsidiei de metodologias científicas para traçar o presente estudo, logo, a narratologia impressa estabeleceu-se às minhas lembranças com maior expressividade, deixando algumas etapas sem evidências para que não houve o retorno de sofrimentos psicossocial. Nesse viés, salienta-se que as descrições fizeram um sobrevoo desde a minha infância até a minha vida adulta, estabelecendo as interfaces a partir do processo de escolarização pelo qual passara e passo. Ficou evidente que as narrativas expressas foram as de maiores impactos tanto no meu processo de vida pessoal quanto estudantil, e, conclusivamente, saliento que todos os percalços da vida pessoal em âmbitos sociais e econômicos foram de suma importância para aferir a minha luta estudantil até os dias atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Vida Pessoal. Vida Acadêmica. Interfaces.

ABSTRACT

The present study entitled “Narrative about educational memories and the interfaces in the process of vocational training (teacher)” is born from the anxiety expressed by me: what are my memories concerning the student path, from education to higher education? Thus, the objective was to describe my memories of the student path and its interfaces in the academic process, as well as to analyze the process of experiences and learning acquired during this time for the constitution of my identity as a human being. Initially, I can point out that I did not subscribe to scientific methodologies to outline the present study, so the printed narratology was established to my memories with greater expressiveness, leaving some steps without evidence so that there was no return of psychosocial suffering. In this bias, it is noteworthy that the descriptions overflowed from my childhood to my adulthood, establishing the interfaces from the schooling process through which I had passed and pass. It was evident that the narratives expressed had the greatest impact on both my personal and student life processes, and, I conclude, I stress that all the mishaps of personal life in social and economic spheres were of paramount importance in gauging my student struggle to the fullest. current days.

KEYWORDS: Memory. Personal life. Academic life. Interfaces.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia, à Faculdade de Educação do Campus de Bragança/UFPA, em formato de artigo e estruturado a partir das normas da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (Anexo I) em virtude de submissão após banca avaliadora.

² Aluna do Curso de Pedagogia, Concluinte em Setembro de 2019, Faculdade de Educação, Campus de Bragança, Universidade Federal do Pará. E-mail: claudianalavor@hotmail.com

³ Professor Orientador. Doutor em Biologia Ambiental. Professor Adjunto da Universidade Federal do Pará, com pesquisa em áreas costeiras e socioambientais. Participa do grupo de pesquisa do Laboratório de Ecologia de Manguezal (LAMA), Campus de Bragança. E-mail: foliveiranono@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo é de uma narrativa sobre memórias educacionais e as interfaces no processo de formação profissional (docente) e pessoal. Os segredos de uma vida descritos nas linhas e entrelinhas do papel que traduzem a história de vida de pessoas autônomas que se tornam autoras e compositoras de um teatro, onde o palco é o mundo em que vivem, desconhecido por muitos que vivem nele ou apenas andam de um lado para outro sem prestar muita atenção nos detalhes existentes. As narrativas aqui traçadas são de uma época muito distante que, de alguma forma, tinha o meio de registrar os fatos e os acontecimentos ocorridos e hoje servem para vários estudos que explicam de várias maneiras os acontecimentos nas diversas áreas do conhecimento.

O conceito de memória é crucial porque na memória se cruzam passado, presente e futuro; temporalidades e espacialidades; monumentalização e documentação; dimensões materiais e simbólicas; identidades e projetos. É crucial porque na memória se entrecruzam a lembrança e o esquecimento; o pessoal e o coletivo; o indivíduo e a sociedade, o público e o privado; o sagrado e o profano. Crucial porque na memória se entrelaçam registro e invenção; fidelidade e mobilidade; dado e construção; história e ficção; revelação e ocultação (NEVES, 1998, p. 218).

Alguns autores discutem a importância de termos os registros de diferentes histórias de vidas (memoriais) de nossos ancestrais que viveram antes de nós ou, até mesmo, em cavernas; mas que deixaram registrados em figuras ou em rabiscos momentos de suas histórias. A própria Bíblia tem registrado por ordenanças divinas que fosse repassado pelos pais e anciões, ou mesmo por pessoas mais velhas, os fatos ocorridos e as histórias vivenciadas pelos povos através dos diálogos em família aos mais novos das tribos, para que houvesse o conhecimento e reconhecimento de tudo que havia acontecido com o povo durante as mudanças de lugar.

Todos esses registros, de alguma forma, ajudam-nos a entender e compreender, significar e ressignificar alguns acontecimentos e mudanças ainda hoje estão acontecendo em nossos dias. Logo, pode-se aferir que

Graças à memória, o tempo não está perdido, e se não está perdido, também o espaço não está. Ao lado do tempo reencontrado está o espaço reencontrado ou para ser mais preciso, está um espaço, enfim reencontrado, um espaço que se encontra e se descobre em razão do movimento desencadeado pela lembrança (POULET, 1992, p. 54-5).

É de grande importância para a sociedade os estudos que a academia faz e apresenta, pois se trata de conhecimentos de pessoas anônimas que, geralmente, vêm de famílias analfabetas ou que mal conseguem assinar seu nome, mas que se esforçaram no árduo trabalho para dar o melhor estudo para seus filhos(as).

Logo, através deste estudo, em que busco por meio das memórias processos reflexivos e analíticos de grandes influências de cunho familiar e social, essas responsáveis por deixar marcas em minha vida pessoal e durante o processo de formação profissional, ressaltando a contribuição na construção da minha identidade social. Isso tudo me permitiu construir, reconstruir, aprender, compreender, significar e ressignificar o meu percurso de vida mediante os novos caminhos educacionais percorridos. Ou seja,

Toda consciência do passado está fundada na memória. Através das lembranças recuperamos consciência dos acontecimentos anteriores, distinguimos ontem de hoje, e confirmamos que já vivemos um passado (LOWENTHAL, 1981, p. 75).

O grande interesse em realizar esse trabalho surgiu a partir de várias conversas e reflexões com algumas pessoas, como o Prof. Francisco Oliveira, em que tive na Faculdade durante os momentos em que o procurei para conversar sobre algumas inquietações pessoais e familiares; nos encontros do grupo de estudos Ruaké do Instituto de Estudos em Matemática e Ciências da Universidade Federal do Pará; assim como alguns amigos particulares, como a Silvia o Edson e o professor Sales (...) entre outros, onde os mesmos me incentivaram a descrever sobre minha história de vida e experiências ao longo desses anos como recurso para meu trabalho final.

E ao fazer algumas reflexões e ouvir sobre a importância de como utilizar essa metodologia fui construindo o texto que por hora apresento destacando os fatos e eventos que aconteceram em minha vida durante todo esse longo percurso e o processo de construção de identidade, ressaltando os que mais tiveram relevância na formação de minha identidade profissional. Percebendo a importância de construir um trabalho dessa natureza que, segundo (JOSSO, 2007, p. 419/420), implica em uma narrativa (auto) biográfica.

Assim, a questão problema desse trabalho é a seguinte: Quais as minhas memórias no percurso estudantil desde a educação básica até o ensino superior? Quais experiências e contribuições adquiridas no processo acadêmico? Quais fatores levaram para permanência na academia? Desse modo, o trabalho traz como hipótese que a minha história de vida pode contribuir com a formação de futuros educadores e daqueles que estão iniciando a carreira docente, principalmente de pessoas com deficiência.

Diante disso, o objetivo do presente trabalho é descrever minha trajetória de vida através das memórias e as interfaces no processo de formação, especificamente, analisar como as experiências e aprendizagens adquiridas no decorrer desse percurso contribuíram para a constituição de minha identidade como ser humano.

Metodologicamente, o processo de construção não se deu por etapas ou houve a exigência da metodologia científica de forma cartesiana, mas estacionou no uso da memória que por aproximação fez uso da história de vida, que segundo, Moraes (2004, p. 165), está em “resgatar a riqueza e a importância das histórias narradas por pessoas anônimas ou desconhecidas, desenvolvendo às mesmas o seu lugar fundamental de fazedores da história, mediado por suas palavras”. Ainda nessa mesma direção, Nóvoa (1988, p. 116) defende que a história de vida e o método (auto) biográfico integram-se no movimento atual que procura repensar as questões da formação, acentuando as ideias que “ninguém forma ninguém”, ele destaca ainda que “a formação é inevitável um trabalho de reflexão sobre percursos de vida”.

Sendo assim, a história de vida oportuniza a própria formação do professor, pois permite a reflexão sobre “as nuances que teceram” a sua formação e a partir dessa reflexão é “possível enxergar com mais clareza e consciência como ele vem se tornando professor” (MORAIS, 2004, p. 169). Além disso, vale destacar que a história de vida não apenas contribui para a formação daquele que conta sua história, mas também para aquele que a ouve.

Desta feita, o presente estudo de estruturou a partir de elementos cronológicos vividos por mim desde a infância até a vida adulta, os dias de hoje, ou seja, cada item mencionado e estruturado abaixo deveu a minha história e a minha memória.

2 O INÍCIO: *elementos que se inter cruzam entre a vida pessoal e estudantil*

“Relembrar o passado é crucial para nosso sentido de identidade: saber o que fomos confirmar o que somos” (LOWENTHAL, 1991, p. 103). Assim sendo, antes de começar a descrever sobre minhas memórias dediquei um longo tempo para refletir sobre o que cada pessoa conseguiria escrever sobre si mesma se tivesse oportunidade, pois ao começar a percorrer os trilhos do passado, percebo quantas mudanças ocorreram ao longo desses quarenta e quatro anos de vida e, por vezes, sinto saudade de minha infância, o que para Halbwachs (1990), as lembranças e os significados estão associadas aos grupos e o sentido vai modificando quando o sujeito troca de grupo.

Ainda lembro-me de algumas pessoas que fizeram parte da minha vida quando criança e das poucas vezes que brincava de cantigas de rodas, pula corda, cai no poço, pira se esconde, pega-pega e de casinha no quintal de casa com meus irmãos, entre outras brincadeiras, tempo bom que não volta mais. Chamo-me Alina de Fatima do Carmo Miranda Silva, nasci no Bairro da Aldeia, na cidade de Bragança-PA, no ano de 1975. Meus pais,

Antônio Maria Fonseca Miranda e Maria Lucia do Carmo Miranda, construíram uma família de oito filhos, todos com perfeita saúde, sendo cinco mulheres e três homens. Sou a primeira filha do casal, todos criados com muito esforço, pois meus pais não terminaram os estudos e também não tinham emprego formal, meu pai trabalhava como pintor de carros e outros serviços de lanternagem que lhe rendiam recurso financeiro para o sustento da família, assim, de forma humilde e com dignidade, conseguiu cuidar da família.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento (NORA, 1993, p.13). Lembro-me com muita dor quando meu pai começou a enveredar pelo caminho do alcoolismo, o que causou muitos sofrimentos em nossa família, a partir de então passamos a viver com muitas necessidades e dificuldades financeiras, com o medo sempre presente, pois quando ele estava embriagado ficava agressivo com a família e isso era assustador. Não tenho lembranças tão boas de minha infância a partir dos 7 anos, tive pouco tempo para brincar com amiguinhos, pois sempre tinha que ajudar minha mãe brincando com meus irmãos menores.

Meu tempo se resumia em estudar e estar com meus irmãos, gostava de plantar em pequenos vasos(latas), pois tinha muitas plantas com flores que arrumava com as irmãs da igreja, lembro-me de algo que me trazia momentos de alegria era quando minha tia (irmã do meu pai) vinha da praia e ficava alguns dias em casa à noite a partir das dezenove horas começava contar algumas história que sempre tinham um final feliz, não eram histórias de livros, pois ela é analfabeta, mas nos deixava muito envolvidas nos contos.

Ainda nessa época, não se deixava crianças brincar na rua sem os pais por perto, mesmo sendo dessa forma comecei a enfrentar os preconceitos dos filhos dos vizinhos por conta da situação financeira da família, sempre ficavam fazendo piadas de mal gosto comigo e meus irmãos, das roupas que usávamos e do nossos comportamentos, isso marcou-me profundamente, “[...] podemos portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento” (POLLAK, 1992, p. 204). Além disso, já existia algumas televisões na cidade, mas os pais não deixavam os filhos assistir a não ser os desenhos infantis, jornal ou, algumas vezes, os filmes (infantis da sessão da tarde), novelas nem pensar, principalmente as cenas de beijos, visto que isso era considerado uma imoralidade e despertaria os desejos nas crianças.

Assim, é importante falar de Le Goff (1990, p. 378) ao afirmar que a memória “[...] é o antídoto do esquecimento”. Lembro-me que vivia em uma época ainda muito tradicional, em que os valores éticos, morais e bons costumes eram sempre reforçados e preservados dentro das famílias e nas escolas, com a idade de 6 a 7 anos comecei a estudar na EEEF Prof. Yolanda Chaves, no bairro da aldeia, onde cursei nos anos de 1983 a 1987 da primeira série até a quarta série do ensino fundamental, uma escola que me fez sentir livre nas poucas horas

que estava lá, principalmente no horário do recreio, mas que também me fez descobrir a discriminação e preconceito.

Tive muitas dificuldades em construir amizades com outras crianças devido ser evangélica e ter uma conduta diferenciada dos outros alunos, eles não se aproximavam de mim, ficavam sempre zombando das minhas roupas e do modo como me portava, além disso, ainda tinha um outro problema, sempre tive alergia a picada de inseto e as minhas pernas ficavam com muitas feridas inflamadas, isso era horrível para mim, os colegas me xingavam, apelidavam muito. Nossa!!! Como sofri de tanta vergonha durante esses momentos.

Já matriculada na alfabetização (1982) com a professora Conceição, minha primeira experiência fora do ambiente familiar, ainda nos primeiros dias de aulas foi percebido por minha mãe através das atividades (dever de casa) que estava na série errada, os exercícios eram apenas de coordenação motora, isso atrasaria meu desenvolvimento, pois antes de ter idade de ir à escola, naquela época os pais eram responsáveis por educar os filhos desde as primeiras letras e números até as contas.

Quando cheguei à escola, já sabia ler e escrever, resolver as continhas com os números e sinais, dominava as quatro operações. Por isso, destaco que entender algumas pontuações de frases conforme era feito na época, então aplicaram uma prova de avaliação (teste diagnóstico) para que pudesse passar para a 1ª série do fundamental com a professora Fátima, depois do teste fui aprovada e transferida para 1ª série e tudo ocorreu de forma tranquila, até que um dia a professora chegou na sala depois do recreio e começou a brigar com a turma por causa do barulho, então me bateu com uma régua no meu braço, isso me causou um grande trauma que até hoje não consigo compreender o porquê de tamanha agressividade.

Já na 2ª série com a professora Darcy Ribeiro, comecei a perceber o quanto as escritas das professoras eram bonitas e bem compreensivas, apaixonei-me pela escrita e a partir de então comecei a sonhar em ser professora, percebia o quanto se vestiam bem de forma que se destacavam no meio da sociedade, quando saiam pelas ruas já eram conhecidas como professoras.

Durante o processo de ensino aprendizagem nos anos de 1ª a 3ª série, não tive tantas dificuldades em aprender os conteúdos, tinha o apoio de minha mãe em casa com o reforço das atividades, quando não sabia sempre procurava as aulas particulares como reforço para os estudos, mesmo enfrentando os desafios de conviver com o alcoolismo do meu pai e a preocupação com a perda da visão dele que parecia não ter importância pra ele, apesar da falta de apoio, todos os filhos com idade de ir à escola estavam bem nos estudos.

No entanto, quando iniciei o ano letivo na quarta série com a professora Edna Brito, uma excelente profissional que muito admirava e que por sinal me acompanhou desde a terceira série até o final da quarta série, tive uma grande surpresa: no ano anterior minha irmã de apenas dois anos apresentou um problema no olho (direito) após cair e bater com a testa no chão, ela ficou muito machucada, depois de um tempo começou a desenvolver a catarata (neve no meio do olho) e estava aguardando a idade de 5 anos para então fazer um processo cirúrgico de retirada de catarata e implante de lente.

Aparentemente, era algo muito simples, visto que meu pai já convivia com o problema desde a adolescência, quando durante uma brincadeira de futebol, a bola furou e foi tentar tirar o bico com a ponta da faca e então acabou perfurando o olho, sem muitos recursos na época acabou perdendo a visão de um lado e, ao longo do tempo, a doença atingiu a outra visão que perdeu lentamente.

Até o momento, tudo parecia estar bem, até que numa tarde, já pronta para ir à escola, minha mãe terminando de dar os últimos reforços para uma prova e percebeu através do reflexo do sol em meu rosto uma leve nuvem no olho direito, lembro bem que a partir desse momento, muita coisa mudou em nossas vidas. Uma nova etapa se iniciava com muito sofrimento, pois o problema não era apenas de saúde, mas também financeiro, não havia recurso médico oftalmológico na cidade (Bragança) e todas as especialidades eram encaminhadas para Belém.

Minha família ficou sem saber o que fazer, sem dinheiro e sem conhecer ninguém para pedir ajuda ou direcionamento. Minha mãe conversando com uma amiga de infância ficou sabendo de um médico chamado Dr. Miguel Age, especialista nos problemas de visão, recém-chegado de cursos e formações em São Paulo e que atendia em uma clínica particular em Belém. Então, foi nesse momento que a professora ficou sabendo dos problemas que estavam acontecendo com a família e movida por um sentimento de compaixão, a professora Edna Brito entrou em contato com o Sr. Pedro Persi, que também conhecia o meu pai e seus serviços, mas não sabia dos problemas visuais que vinha enfrentando junto com sua família.

No início, ele procurou marcar um encontro e conversar com meu pai e minha mãe para saber como deveria fazer para ajudar e quais os recursos eram necessários para ter uma solução. Diante disso, foi realizado um contato com uma amiga, chamada Dr. Leticia, que trabalhava no hospital Ofirloyola que funcionava em anexo ao hospital Servidores do Estado em Belém, na época conseguiu uma consulta para avaliação do caso.

“O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização” (POLLAK, 1992, p. 204). Então, em

março de 1986 minha mãe e eu iniciamos uma longa caminhada de viagens e consultas até conseguirmos a primeira cirurgia em agosto do mesmo ano. Após a operação estávamos aliviadas pensando que tudo voltaria à vida normal, o que não aconteceu.

Meu pai continuava no alcoolismo cada vez pior e todo trabalho que fazia já não era suficiente para o sustento da família e as lutas só aumentavam e minha mãe precisava tomar uma decisão de trabalhar por conta própria (autônoma) para garantir o vestir e o calçar de todos, nesse momento não percebi o quanto essas decisões atingiriam e modificariam minha vida e de meus irmãos por completo, pois além de ajudar nas tarefas domésticas, também passamos a buscar nosso próprio sustento a ajudar com vendas de cuscuz, catálogos, roupas, perfumes e outros itens; o que me levou a descobrir um universo de coisas que estão pra além dos muros das escolas. Nesse momento de nossas vidas, minha irmã já tinha perdido a visão (olho direito) o que nos causou muita tristeza. Apesar do desconforto de ver meu pai naquela situação, minha mãe não nos abandonou ficou firme com a família.

Depois da operação e de passar mais alguns meses em acompanhamento fui liberada pelo médico, mas já havia perdido as provas do ano em curso e não tinha como recuperar. Então, a vida seguiu seu rumo, no ano seguinte 1987 repeti a quarta série com a mesma professora, na qual fui aprovada no final do ano passando em 1988 para a quinta série, agora em outra escola, EEEFM Prof. Bolívar Bordallo da Silva.

Mesmo com o olho direito comprometido, precisava avançar nos estudos, mas aos quatorze anos de idade (ano de 1989) já tinha vontade de conhecer outras pessoas da mesma idade, conversar e ter outras amizades que não fossem os filhos dos vizinhos e os jovens da igreja e isso era muito difícil de ser compreendido chegando a ser proibido por meus pais o que me deixava muito triste, sentia-me uma pessoa tão diferente das outras que acabou me prejudicando muito (não encontrava coisa boas em mim) e sentindo vergonha de ser tão diferente das outras jovens, também me sentia responsável pelo cuidado com a família, mesmo assim gostava de cuidar dos meus irmãos e dos afazeres do lar sonhava com o casamento e com uma família própria.

Então, tudo começou a dar errado novamente, comecei a ficar desinteressada nos estudos e sendo reprovada tive que repetir na 6ª série nos anos de 1989/1990 o que também não deu certo. Já na adolescência (15 anos) minha mãe não compreendia os meus anseios e desejos por ter um pouco de liberdade, isso me levou a conhecer pessoas erradas que não apenas me apresentaram coisas erradas como: as bebidas alcoólicas, cigarros, festas e prostituição, mas que também me afastaram da escola e de minha família.

“Pessoas e lugares são entrelaçados, pois o espaço, como lugar de coisa (ou das coisas), torna-se um sistema coletivo de imagens onde cada lugar possui uma história a ser contada” (REZENDE, 2010, p. 102). Depois de alguns meses levando uma vida maluca e sem expectativas de melhoras, conheci um rapaz de 21 anos que dentro de alguns meses se tornou meu marido em 10 de fevereiro de 1990.

Naquele período, pensei ter encontrado a pessoa certa, estava cheia de expectativas. Ele não havia também terminado os seus estudos, filho de pais separados, uma família totalmente desestruturada, vindo do município de Viseu-PA, localidade de Fernandes Belo, morar no município de Bragança para conhecer e morar com o pai dele que havia abandonado-o desde criança. Depois de alguns meses namorando, decidimos viver juntos, passamos um ano morando em Belém, junto com a mãe e irmãs dele.

Em maio de 1992 nasceu nosso primeiro filho, um menino saudável e com saúde perfeita, no entanto, após seis meses de vida daquela criança, o marido continuava outra vez desempregado, decidimos, portanto, mudar para Vila de Fernandes Belo, lugar que moramos por mais um ano, sobrevivendo com ajuda de familiares e vizinhos. Em fevereiro de 1993, comecei a viajar para Bragança depois de ter ficado afastada de minha mãe por um tempo de 3 anos. Em março do decorrido ano voltamos para Bragança, durante todo esse processo de mudanças em meio a tantas dificuldades, tentei manter o contato com minha mãe que, apesar das dificuldades enfrentadas, manteve-se firme e forte com a família.

Argumenta-se, portanto, que a pessoa humana não é um ser que vive isolado, pois ela estabelece relações sociais, culturais e faz parte de um contexto que a influencia sobremaneira, mas esse contexto também é influenciado por ela e, nesse movimento, certamente, a história é construída (KOSIK, 1995).

Nesse cenário de afastamento e construção de outras relações, houve certo afastamento, de minha parte para com o meu pai e meus dois irmãos, em que nesse período passaram por cirurgias nos olhos nos hospitais de Belém e, mesmo com muito cuidado e esforço, não obtiveram êxito e acabaram perdendo a visão, o que deixou a família entristecida.

Percebi, portanto, que poderia dar mais apoio, o que fiz. Então, de volta à companhia de família e, também, decidida a estudar; pois já se faziam mais ou menos 5 anos distante das escolas. Agora, em 1995, voltei a estudar 1995, na mesma Escola (Yolanda Chaves), agora na modalidade da Educação de Jovens Adultos, ou seja, na 3ª e 4ª etapas (5ª-6ª e 7ª-8ª séries, respectivamente).

Com isso, entendi que as relações que estabeleci longe de minha família foram boas e necessárias para o meu crescimento, no entanto, notei que eu poderia crescer ainda mais após

experimentalizar outras relações e ter consciência de que, talvez, minha assertiva fosse na companhia dos meus, fatores positivos tanto para mim quanto para os meus familiares. Logo, pode-se dizer que “quanto mais dinâmica é a sociedade, quanto mais casual é a relação do particular com o ambiente em que se encontra ao nascer, tanto mais o homem está obrigado a colocar continuamente à prova sua capacidade vital” (HELLER, 1994, p. 22).

Nesse processo de retorno e retomar à vida estudantil foi alvejado pelo objetivo de voltar aos estudos e, por conseguinte, conseguir um trabalho que viesse a ter uma renda melhor e dar condições de sobrevivência a minha família, em especial, para a minha mãe. Esse alvo se constituiu dentro de uma necessidade, pois meu marido não trabalhava e não tínhamos, juntos, renda para sustentar o nosso filho. No entanto, mesmo com tamanha esperança e força de vontade, enfrentava a desconfiança e a descrença por parte de alguns de que não conseguiria alcançar o meu objetivo, mas aos 21 anos de idade, em 1996, conclui o ensino fundamental com a ajuda de muitos e bons professores que marcaram e incentivaram a minha trajetória educacional no ensino de primeiro grau, como era nominado hoje o Ensino Fundamental, restava, portanto, iniciar o segundo grau, hoje, Ensino Médio.

Esse percurso de retorno às escolas para estudar foi marcado por inúmeras superações, estas vividas a cada dia, com marcas que até os dias de hoje ainda são visibilizadas na alma, nos sentimentos, ora boas, ora nem tanto, mas são cicatrizes superadas. Ou seja, “a vida de cada dia é divisão do tempo e é ritmo em que se escoia a história individual de cada um” (KOSIK, 1976, p. 69). Logo, as intempéries da vida não foram capazes de derrubar a força de vontade e a esperança em alcançar os dias melhores.

3.2 E AGORA, COMO ENCARAR E VIVER O ENSINO MÉDIO? *Sensações e momentos de outros medos.*

A sensação de encarar o Ensino Médio também fez com que o medo fosse tecido a cada pensamento, ora de obstáculos ora de superação, e, assim fui persistente em tentar. No ano de 1997, fui estudar na EEEFM Prof. Bolívar Bordallo da Silva e no mesmo ano comecei a ter alguns problemas sérios de saúde, mas aos poucos foram superados: foram quatro abortos que quase me custaram a vida. No entanto, extasiada com a nova Escola, tudo era novidade: a quantidade de matérias a serem estudadas, os diversos professores que ministravam as aulas em apenas quarenta e cinco minutos, a quantidade de trabalhos e pesquisas, enfim muita coisa que tinha esquecido e as novas, foram, certamente, uma válvula de escape para superar e passar pelos problemas ora vividos. Isto é, as sensações do retorno a

mais uma jornada, trouxe-me a perspectiva de alvejar a cada dia e hora a certeza de vencer, ou seja, “o organismo vivo percebe o entorno e a si mesmo tão somente por meio de suas sensações” (REICH, 1949/1973c, p. 56).

Permeada por essas sensações, voltei a ter novamente uma vida de estudante, agora no turno da noite com pessoas adultas e com mais responsabilidade. Morava no bairro da Vila Sinhá, município de Bragança, bem distante da escola. Sentia-me, por vezes, um pássaro fora da gaiola quando estava na escola, pois a sensação de aprender, possuir relações sociais com novas pessoas e estar superando os medos, era condição de liberdade.

Quando estava no terceiro ano do Ensino Médio, após ter superado alguns sofrimentos de perda (abortos/hemorragias entre outros), em 1999 tive o meu segundo filho que também nasceu saudável e com perfeita saúde, mas que me fez desistir dos estudos já quase terminando o ano (outubro). Além do medo que sentia de alguns professores e suas disciplinas, percebi que durante esse tempo de estudo e cuidado com a família, precisava trabalhar ainda mais com venda para garantir o nosso sustento e sobrevivência, no ano seguinte, após concluir o ensino médio, em 2000, senti-me por demais feliz, pois tinha conseguido o que pretendia.

Eu e meus irmãos sempre estudamos em escolas pública com bons professores, tendo bom desempenho escolar e sem muitas reprovações, conseguimos avançar nos estudos apesar das dificuldades enfrentadas como preconceitos, discriminações, repudio e outros faores mais. Ou seja, fomos privilegiados pelo convívio com profissionais que foram capazes de motivar por meio do ensino o processo de aprender, isto é, “[...] não existe ensinar sem aprender e com isto eu quero dizer mais do que diria se dissesse que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende” (FREIRE, 1993, p. 27).

Mesmo com todas as adversidades da vida não nos separamos, a família continuou unida, minha mãe aguentou uns quarenta anos de alcoolismo e vergonha pela situação de meu pai e dos problemas de perda da visão dos meus irmãos. A necessidade de pedir ajuda foi inevitável no primeiro momento, minha mãe teve que vender tudo que fosse possível para pagar uma cirurgia de alto risco para tentar salvar o único olho do meu pai, mas após alguns meses não deu certo e ele perdeu a visão total.

Após a perda visual, outro desafio a ser superado foi a contribuição do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) que estava atrasada e precisava ser atualizada para pedir a aposentadoria. Nesse momento, a igreja evangélica (Assembleia de Deus) na pessoa do então Pastor Afonso Menino Rei e outras pessoas, mobilizaram-se e conseguimos fazer o pagamento e, então, a aposentadoria começou a proporcionar algumas melhorias em casa.

Porém, depois de algum tempo de superação da perda da visão, ele voltou ao alcoolismo e novamente os constrangimentos e vergonhas nos perseguiram, ainda houve casos de problemas visuais que precisaram de tratamento fora do estado do Pará. Então, outra vez lá estava eu e a família tendo que se envolver para nos ajudar. Percorri às escolas, aos políticos da época, aos vizinhos e às associações para obter ajuda financeira, pois o custo era muito alto. Mesmo diante de muito esforço, o resultado foi a perda da visão.

Esse processo de busca, de esperança e desesperança me deixaram marcas profundas, pois amigos que eram próximos à família nos abandonaram, pois tinham medo de pegar a doença, assim como os preconceitos foram mais evidentes e maldosos, em que frases como: “coitados, são uma família de cegos” e outros mais. Assim como experiências com a discriminação entre os nossos filhos, em que pessoas da sociedade proibem seus filhos de ter qualquer contato com os nossos filhos, até mesmo proibem as filhas de namorarem com alguém de nossa família, todas essas experiências nos causaram muitas dores, mas também serviram para nos unir ainda mais.

Logo, analogamente, recorro às críticas do processo de estereótipo social e à discriminação imposta aos sujeitos ditos “diferentes, fatores experienciados em minha vida. Mas o que é um estereótipo social? Recorri aos dizeres de Rodrigues & Cols (2000, p. 152) quando dizem:

(...) o termo refere-se a crenças compartilhadas acerca de atributos – geralmente traços de personalidade – ou comportamentos costumeiros de certas pessoas ou grupos de pessoas. Mais especificamente, seja através de uma representação mental de um grupo social e de seus membros, ou de um esquema – uma estrutura cognitiva que representa o conhecimento de uma pessoa acerca de outra pessoa, objeto ou situação – tendemos a enfatizar o que há de similar entre pessoas, não necessariamente similares, e a agir de acordo com esta percepção.

Mas, quem disse que o “diferente” não faz parte dessa sociedade estereotipada? Não seria a sociedade como um todo o estereótipo social? Pois bem, o preconceito é quem determina o “bem” e o “mal”, quem diz o que é “padrão” ou não. Ou seja, o preconceito parece estar baseado em um círculo vicioso: ele causa tipos particulares de atribuições negativas que por sua vez intensificam o preconceito, isto é, “nossa reputação, independentemente de ser verdadeira ou falsa, não pode ser martelada, martelada, martelada, na nossa cabeça sem modificar de alguma forma o nosso caráter” (ALLPORT, [1954] 1979, p. 142).

Logo, pode-se argumentar que o preconceito é tipo em larga escala como uma atitude hostil ou negativa para com determinado grupo ou pessoa, baseada em generalizações

deformadas ou incompletas (ARONSON, 1999). Não se pretende aqui esgotar a discussão sobre esses dois elementos, mas pontuar o quão são danosos às pessoas que militam o sentimento do bem.

Após alguns meses depois que meu pai perdeu a visão e amenizou as lutas com meus irmãos para não perder a visão, meu marido começou a trabalhar com venda de beijo de moça (um doce feito de polvilho – comum na região norte do Brasil), coco e outros doces na feira livre em Bragança. Minha mãe teve que aprender a negociar com pessoas que precisavam dos serviços de pinturas em geladeiras e outros objetos, tudo estava muito difícil, não tínhamos estrutura de nenhum jeito, estávamos sem dinheiro e com muitas necessidades, precisava conseguir recursos financeiros para não passar fome, andar descalço e outros mais. Após ter iniciado esse trabalho, alguns anos depois a casa que minha mãe morava começou a rachar as paredes e corria o risco de desabar, então uma nova dificuldade surgia, mesmo assim continuaram morando debaixo da casa por muitos anos, pois não tinham para onde ir.

Esse processo de desequilíbrio social e financeiro no Brasil, certamente, também são tensões aceleradas pelo processo de globalização, que naquela década (1990), estava em alta, pois a sociedade capitalista imbuída pelo nacionalismo individual e pela sobrevivência financeira, certamente, se quer tinham olhos para a camada mais sofrida e à margem da sociedade, o que, Eric Hobsbawm (2007, p. 11), descreve com muita propriedade:

A globalização, acompanhada de mercados livres, atualmente tão em voga, trouxe consigo uma dramática acentuação das desigualdades econômicas e sociais, no interior das nações e entre elas. Não há indícios de que essa polarização não esteja prosseguindo dentro dos países, apesar de uma diminuição geral da pobreza extrema. Este surto de desigualdade, especialmente em condições de extrema instabilidade econômica com as que se criaram com os mercados livres globais desde a década de 1990, está na base das importantes tensões sociais e políticas do novo século. O impacto dessa globalização é mais sensível para os que menos se beneficiam dela (...).

Ou seja, uma sociedade altamente excludente e cheia de preconceitos, jamais daria ou nossa família teria chances de dias melhores, pelo contrário, restava-nos sobreviver em meio às moléstias da vida, mas com muita esperança de sairmos da condição em que nos encontrávamos, o que mais tarde, certamente, veio o alívio.

Seguindo a trajetória memorialística, passo a demonstrar mais um percurso de dribles realizados para sobreviver. Então, após ter finalizado o Ensino Médio, com todas essas tensões sociais e financeiras, decidi parar com os estudos para cuidar da família e, por conseguinte, comecei a trabalhar com meu marido que vendia coco e lanches na feira, próximo ao mercado de carne.

Depois de alguns anos de trabalho na feira, no final do ano de 2001, tomamos a decisão de retornar para morar na Vila de Fernandes Belo, agora com a mente mais estruturada e com dois filhos, idealizei um projeto para construção de uma lanchonete de madeira na praça da Vila (Fernandes Belo), o projeto foi submetido à análise pela Caixa Econômica Federal em Bragança, sendo aprovado com uma parte do financiamento em capital de giro e outra em compras de materiais (frízzer, liquidificador, estufa, etc...).

De posse desse material, construímos a lanchonete que funcionou com minhas orientações, mas sendo meu marido que tomava conta de lá, pois engravidei pela terceira vez de uma menina que nasceu em março de 2002 saudável e com perfeita saúde, após alguns meses do seu nascimento voltei a tomar de conta das compras e manutenção da lanchonete, meu primeiro filho já estudava a 3ª série do Ensino Fundamental e tinha que terminar o ano letivo, para então ser transferido e estudar a 4ª série na Escola de Fernandes Belo, no ano de 2004. Isso, com certeza, facilitou a vida, o que nos levou a viver na localidade por mais de um ano, tendo que mudar de casa por várias vezes.

Essa forma de empreender, talvez, não seja a mais viável e correta, porém, naquele momento era a única saída frente a essa sociedade capitalista, pois o governo financia com “uma mão e retira com a outra”, é um provérbio popular, mas carregado de muitas verdades, pois à medida que financiamos começam a contabilizar o tempo de pagamentos e carências, o que leva também a corrida desenfreada para arcar com os pagamentos e outros, inclusive os impostos. Logo, os marginalizados socialmente, alguns, compreendem que

A razão que esclarece, compreende, explica, também recobre, mutila e obscurece. Quando permanece no nível das aparências, das partes invertebradas, das singularidades exóticas, a reflexão pode tornar-se prisioneira do que observa, do que se vê, sem nunca apreender o segredo da realidade, os nexos constitutivos das formas de sociabilidade, dos jogos das forças sociais em suas configurações e em seus movimentos, perdendo-se as possibilidades do devir (IANNI, 2009, p. 208).

Essa assertiva levava-me, no ano de 2004, a buscar outro meio de sobrevivência: a docência. Trabalhei como professora temporária na Escola Municipal Vanderliza Ribeiro, comunidade da Seringa, vizinha da Vila de Fernandes Belo, município de Viseu-PA. No entanto, considero que foi um ano muito difícil e desafiador para mim, pois além de tantos trabalhos com a lanchonete, os filhos e marido; ainda tive de enfrentar um problema de saúde com hemorragias que sempre acontecia a cada três meses. Todavia, com todas as dificuldades, foi uma experiência que marcou minha vida, dos meus alunos e seus familiares até hoje. Após

a mudança de políticos da época decidi volta para Bragança, já que meu segundo filho teria que começar os estudos, achei melhor voltar e recomeçar a viver na cidade novamente.

Essa experiência docente, em meio ao turbilhão de coisas vividas, certamente, fez-me entender que a vida educativa é um mundo de significados que movimenta várias outras dimensões, como o social, o cultural e o político. Todavia, naquela época eu não entendia esses significados, pois havia o sentimento de limitação para a área docente, hoje, em contrapartida, entendo que

A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje. É esta permanência do hoje neoliberal que a ideologia contida no discurso da “morte da História” propõe. Permanência do hoje a que o futuro desproblematizado se reduz. Daí o caráter desesperançoso, fatalista, antiutópico de uma tal ideologia em que se forja uma educação friamente tecnicista e se requer um educador exímio na tarefa de acomodação ao mundo e não na de sua transformação. Um educador com pouco de formador, com muito mais de treinador, de transferidor de saberes e examinador de destrezas (FREIRE, 2002, p. 143).

Certamente, essa análise se deve a outras experiências que a frente tratarei. Neste momento o que retrato são elementos de uma experiência em meio o percurso de vida. E, assim, continuo a narrar os fatos, agora em relação ao retorno para Bragança, em que surgiu a oportunidade de fazer um curso de bolos e salgados oferecido por uma empresa e uma equipe de trabalho que ministrou o curso na antiga Pizzaria Fantástica, num período de quinze dias, dias de muito proveito, o que me trouxe um convite para trabalhar numa lanchonete no canto da Escola Bordallo (Bragança), depois dentro dessa Escola, assim como outra na Escola Mâncio Ribeiro, onde trabalhei com meu marido, minha mãe e minha cunhada por 4 anos consecutivos, por renovação de contratos.

Depois de muitas lutas, negações e sacrifícios para que minha família não passasse pelos mesmos constrangimentos que um dia passei, no ano seguinte, após perder a licitação, eu e meu marido alugamos um ponto na feira e começamos a trabalhar com um mini bazar e lanchonete por alguns meses, mas não deu certo, então depois de entregarmos o ponto meu marido voltou a vender lanches, agora em uma bicicleta cargueira pelas ruas.

Nesse mesmo ano (2008), meu irmão que já estava deficiente dos olhos começou a estudar no curso de mecânica de moto no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), o que nos levou a conseguir um local para trabalhar por mais alguns anos (5), e também abriu portas para que minha mãe e eu fizéssemos dois cursos: corte e costura. O que, certamente, também me deu suporte para enfrentar as dificuldades da vida por algum tempo, pois agora com três filhos (dois rapazes e uma moça) na adolescência e precisando incentivá-

los aos estudos. Nesse sentido, (...) consegui fazer um curso de informática na empresa T&T, por seis meses junto com os dois filhos, mesmo depois de ter algumas qualificações não tive oportunidade de emprego.

Após longos anos de muitas lutas continuava a participar das atividades na igreja e, então, em um culto um pastor que veio ministrar a palavra de Deus, fez um desafio para colocarmos um pedido diante de Deus que ele iria orar e, lembro com muita nitidez, que havia tantas coisas a pedir e tamanhas eram as necessidades, que não teria tempo para descrever tudo, foi então que fiz apenas um único pedido a Deus, pois sonhava e em meus sonhos, não lembrava que havia guardado, bem na última gaveta do arquivo, um sonho de cursar uma faculdade com os filhos já adultos.

O sonho começo a se tornar realidade à medida em que no ano de 2015 ingressava na Universidade Federal do Pará, no Campus Universitário de Bragança, especial no Curso de Pedagogia. E o sonho foi mais alargado quando em 2016 passei a estudar, também, na Escola Álvares de Azevedo, cidade de Belém-PA, onde a cada quinze dias tenho aulas de orientação e mobilidade, informática (aula de Dosvox) e, por conseguinte, participo de um grupo de estudos no Campus de Belém (UFPA), sediado Instituto de Educação Matemática e Científica, Coordenado pelo Prof. Dr. Sales XXXX.

3.4 MAIS UM COMEÇO: *agora Ensino Superior e suas interfaces na UFPA*

Quando acima narrei o fato de ter sonhos e ter feito um único pedido a Deus naquele momento, certamente, é porque a minha crença em realizá-lo também dependeria de um esforço conjunto ao pedido realizado. Nesse sentido, entendo que

[...]quando se afirma que o sonho é uma realização de desejos e que a realização de um desejo deve provocar prazer, não fica esclarecido o seguinte: a quem o sonho deve proporcionar prazer? A resposta óbvia e imediata é: ao sonhador. Ocorre, porém, que é o mesmo sonhador que deseja, repudia e censura seus desejos. A qual sujeito o sonho deve agradar? Ao que deseja ou ao que censura. Se a realização de um desejo inconsciente produz prazer, produz também ansiedade ao ego do sonhador. [...] Os acontecimentos podem provocar prazer ao nível do sistema inconsciente e ansiedade ao nível do sistema pré-consciente (GARCIAROZA, 2004, p. 16).

Então, o que a academia me trouxe: prazer ou frustrações? Pois bem, aqui serão narradas as experiências adquiridas durante o percurso acadêmico. Inicialmente, considero-as algo muito importante para minha vida e formação pessoal, pois fortaleceu-me e ajudou-me a perceber a importância de cada um dos trabalhos realizados pelos professores e pesquisadores de cada disciplina.

Sempre ouvia os comentários das pessoas sobre as pesquisas, trabalhos, eventos e outras atividades que os professores de cada Faculdade desenvolviam, promoviam e apresentavam para as comunidades e os municípios. Ouvia sobre o entusiasmo dos alunos em participar dos eventos e das viagens que aconteciam, pesquisas e outras atividades que fazem parte da vida acadêmica, mas não tinha como imaginar esse imenso universo e o quanto pode ser surpreendente, gratificante e prazeroso participar e vivenciar tudo isso de forma responsável, mesmo vivendo em meio a um período de muitas mudanças no cenário político desse País, com políticas propositivas, outras nem tanto, que chegam até prejudicar as pessoas desprovidas de recursos financeiros e, por vezes, posso dizer que vivi com muita intensidade o universo acadêmico, como alguns professores que me incentivaram desde a semana do calouro.

Participei de muitos eventos, seminários, palestras, fóruns, colóquios, cursos extras ofertados pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED), pela Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), formação continuada, apresentação de trabalhos adaptados para pessoas com deficiência visual entre outras, conseguir estar presente nas aulas e cuidar de minha família com muita dedicação.

Entre tantos desafios enfrentados na vida e durante o percurso acadêmico, os mais prazerosos e desafiadores foram as viagens a campo para coleta de dados, ministração de aulas entre outros, como até mesmo comemorar o final de uma disciplina em um balneário popular, tive uma sensação diferente no momento vivenciado, possibilitando várias reflexões. A primeira experiência aconteceu com o Prof. Adão Borges, sendo convidado pela turma a finalizar a disciplina em uma manhã no balneário água fria (Luizinho Brito) com reflexões sobre os conhecimentos repassados durante as aulas no período da disciplina.

Estando tudo combinado com a turma começaram os planejamentos. No primeiro momento, deixou-me triste pensando que não poderia participar mediante a deficiência visual e dificuldade de locomoção em lugares desconhecidos, mas com incentivo do professor e ajuda de alguns colegas da turma deu tudo certo, consegui participar de todos os momentos, diverti-me muito com os diálogos e as reflexões feitas com a participação de todos da turma, uma metodologia diferenciada que, até o momento, não conhecia; mas sempre ouvia falar desse tipo de metodologia, embora quando criança meus pais não consentiam a participação dos filhos nesses tipos de atividades e quando adulta não tive oportunidade.

Depois em uma outra disciplina com o mesmo professor visitamos o Sítio Grande, onde a turma conheceu a roça e seus diversos trabalhos, tempo de plantio, colheita e como vivem as pessoas que dependem dessas atividades, sua importância para todos nós, então

passaram algumas disciplinas e novamente um novo desafio, agora com a Profa. Nelane Marques com a disciplina sobre o Meio Ambiente, onde conhecemos a comunidade de Tamatateua, apresentamos uma aula expositiva com teatro, fantoches, contação de história, produção de jardim com garrafas pets e aulas sobre a importância de cuidar do meio ambiente, sendo que a referida Professora apenas observava os alunos que ministraram as aulas, tudo foi muito bem organizado por todos. As atividades e aulas apresentadas foram um sucesso, apenas um desafio não foi superado, pois na hora do almoço foi um grande alvoroço e não perceberam que uma pessoa com deficiência visual necessita de ajuda para se servir ou ser servida por alguém, essas atitudes sempre estiveram presente nessas visitas de campo.

Depois de algumas disciplinas, uma nova oportunidade de visita de campo surgiu na disciplina de Pedagogia em Ambientes Não Escolares, com o Prof. José de Moraes, na Fazenda Esperança, um local que trabalha com uma diversidade de educação formal, não formal ou mesmo com a reeducação de pessoas que vivem uma vida diferenciada em sociedade. Uma experiência incrível em minha vida, nunca podia imaginar que fora do ambiente escolar acontecesse esse tipo de educação e que fosse tão importante para vida das pessoas como percebi nessa visita e durante os estágios realizados nos ambientes não escolares, como na Pastoral da Criança que trabalha com uma educação sobre a saúde das pessoas de sua comunidade com apoio da Diocese de Bragança e de outras organizações.

Outra grande experiência muito importante foi a visita à Escola de Formação para Jovens Agricultores – ECRAMA, localizado no município de Santa Luzia do Pará, uma instituição com um local fantástico, cheio de conhecimentos e muitas diversidades e qualidades para explorar no campo das pesquisas dentro dos diversos conhecimentos que perpassam e acontecem lá, com uma diversidade de vidas que conduzem os conhecimentos que se entrelaçam ao longo dos cursos oferecidos pela instituição, em especial no campo.

Esses momentos acadêmicos, certamente, permitiram-me a entender e compreender esse mundo que se fala da didática, da prática e de metodologia no processo de ensinar. Ou seja, segundo Candau (2000, p. 89):

[...] o educador nunca estará definitivamente “pronto”, formado, pois que sua preparação, sua maturação se faz no dia a dia, na mediação teórica sobre sua prática. A sua constante atualização se fará pela reflexão diurna sobre os dados de sua prática. Os âmbitos do conhecimento que lhe servem de base não deverão ser facetadas, estanques e isoladas de tratamento do seu objeto de ação: a educação. Mas serão, sim, formas de ver e compreender globalmente, na totalidade, o seu objeto de ação.

Esse raio de entendimento só foi possível à medida que essas experiências me levaram da teoria à prática, construindo assim a práxis tão falada e disseminada entre teóricos. E, por conseguinte, ainda embalada nas experiências, pude vivenciar no último período do Curso, com a Profa. Iracely Rodrigues, na disciplina de Educação e Saúde, a oportunidade de conhecer uma pequena parte do manguezal que fica localizado às margens da Rodovia PA 458, que liga Bragança à Praia de Ajuruteua, mesmo tendo nascido e me criado em Bragança.

Interessante que mesmo passando várias vezes pela Rodovia, não imaginava a diversidade e a importância de conservação desse ambiente e das diversas árvores e raízes que fazem parte do cenário do manguezal, o que leva, certas vezes, não valorizar e reconhecer sua importância para o equilíbrio do meio ambiente e as diversas espécies que utilizam como berçário para reprodução de novas espécie de peixes, camarão, caranguejo, siri e outros; até mesmo para os próprios pescadores que utilizam as cascas das árvores para tingir as redes de pesca, remédios e outros fins.

Essas narrativas também demonstram o quanto o Curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação, Campus de Bragança, provoca experiências e amadurecimento para os vários campos do conhecimento, logo, a Pedagogia nos leva a caminhos antes impensáveis, pois hoje, segundo Silva (2007, p. 32),

Além de estar inserida em todas as atividades atribuídas à instituição escolar, os pedagogos também podem atuar como formadores, animadores, instrutores, organizadores, técnicos, consultores, orientadores que desenvolvem atividades pedagógicas (não escolares) em órgãos públicos e privados ligados a empresas, à cultura, aos serviços de saúde, alimentação, promoção social e etc.

Ou seja, o Curso de Pedagogia me fez viajar por lugares e compreendê-los como nunca pensado antes, isto é,

Com isso, fazer das experiências sensíveis uma contribuição para a formação humana e não uma forma de conhecimento utilitarista que considera estas atividades apenas como forma lúdica, acessória, um mero recurso pedagógico, pois uma vivência estética não deve estar a serviço de algo que não seja ela própria (TRIERWEILLER, 2011, p. 27).

Foram muitas as experiências e quero destacar que durante o percurso acadêmico e entre as viagens de estudos em Belém, no mês de fevereiro, exatamente no dia 18 de fevereiro de 2019, em pleno período chuvoso (inverno amazônico) tive a oportunidade de cursar uma disciplina com a turma de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia, Campus de Bragança/UFGA, ministrada pelos professores Francisco Oliveira e Raquel Amorim dos Santos.

Era um ambiente completamente desconhecido, assim como as pessoas daquela turma. No entanto, foi incrível e inacreditável essa experiência, pois no início me sentir como se estivesse em outro universo com muitas pessoas desconhecidas ao meu redor. No segundo dia, queria desistir, mas depois de ouvir o Professor falar das visitas de campo e as experiências que aconteceriam para além dos debates e seminários, consegui perceber a grande oportunidade de conhecer um local chamado Chapada, Km 60, município de Tracuateua-PA, área costeira.

Essa experiência levou-me a conhecer a casa de forno, onde acontece o processo de fabricação da farinha d'água, muito usual no nordeste paraense. Ainda, pude conhecer o processo de criação de peixes da água doce (tambaqui), projetos para o reflorestamento de algumas áreas que serviram de pastagens para o gado, aprendemos, ainda, sobre o manuseio do gado dentro dos cercados para um melhor aproveitamento do pasto.

Entre tantos conhecimentos, uma pessoa muito importante nesse processo foi o seu Pedro, um senhor de 53 anos de idade, que mora na comunidade desde a sua infância, que foi convidado a nos demonstrar o local de onde se faz a retirada do caranguejo, a pesca e outros meios de sobrevivência da comunidade local, uma pessoa incrível, cheia de muitos conhecimentos tradicionais e que tem aprendido a respeitar a natureza de forma surpreendente. Seu Pedro nos mostrou os utensílios de pesca, de fabricação de farinha e, também, as plantações de tabaco, uma variedade de funções e serviços que faz para ajudar no sustento de sua família de forma que não venha prejudicar o meio ambiente, chegando a se configurar como surpreendente.

Após ter atravessado mais ou menos uns dois quilômetros de distância para chegar no manguezal e voltar, percebemos que a vida das pessoas que se utilizam desse tipo de trabalho é bem difícil e que a valorização dos produtos muitas das vezes não compensa, sem contar nos direitos que lhes são negados, levam uma vida dura, trabalhando muito e ganhando pouco. Enfim, foi uma experiência que levarei na minha memória por décadas e considero uma excelente aventura acadêmica.

Ainda tive a grata satisfação de conhecer a vila do treme no final do ano de 2018 com o professor Sebastião ministrando a disciplina de Educação e Desenvolvimento na Amazônia, um momento de conhecer as práticas dos currículos em uma comunidade tradicional, que luta pela preservação do meio ambiente, mas que também busca, da melhor forma possível, a sustentabilidade das famílias com as cooperativas e associações dos catadores de caranguejo e outros meios. Foi um dia de muito aprendizado, compreendi a importância de usar os recursos naturais com responsabilidade sem explorar de mais o meio ambiente, pois alguns recursos

não se recompõem e que se cada um fizer a sua parte pelo planeta podemos alcançar uma mudança, equilibrar e garantir o sustento das famílias por mais tempo.

Certamente, são muitas as narrativas de fatos que poderiam ultrapassar limites acadêmicos de escrita. Como percebemos, as minhas narrativas foram muito no campo das disciplinas que trabalham com o ambiente não escolar, pois percebi, de certa forma, que ultrapassar a teoria e exercitar a prática é a maneira pela qual o acadêmico se envolve, assim como se sente parte do processo.

No campo das disciplinas escolares, cheguei a questionar a pensar que os discursos, por vezes, não convergiam para a prática, ou seja, “o que se verifica, portanto, na prática, são projetos pedagógicos pouco operantes, com currículos fragmentados, quando não um tanto incongruente, em que predomina a formação de caráter excessivamente genérico” (GATTI, 2012, p. 58). Logo, nos leva a refletir: as escolas estariam constituídas de projetos e projetos somente no papel? A educação precisa sair do discurso e passar para outro patamar? Seriam as práticas, atualmente, as saídas para as amarras da educação escolar?

Quando me submeto a esses questionamentos, penso que a academia também deve repensar os seus currículos, pois é dela que saem os profissionais para a Educação Básica. É dela que falamos nos fundamentos da educação. É nela que fazemos os laboratórios, os estágios, as extensões e as pesquisas aplicadas no âmbito social.

Certamente, por eu ser deficiente visual, essas observações não me impedem de fazer essas assertivas para além do meu campo de visão. Por outro lado, não quis fazer referências a minha deficiência no campo da visão, pois, certamente, levar-me-iam a elementos que não agradam, assim como na vida pessoal, coisas que preferi deixar somente na minha memória para não me causar sofrimentos psicológicos e, talvez, nem querer relembrar fatos repudiantes e extrema deselegância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao reconstruir e repensar minha trajetória de vida pessoal, familiar e de formação profissional, possibilitou-me refletir o quanto as etapas que passei durante esse processo contribuíram no sentido de dar maior firmeza nos meus passos e, também, fundamentação segura à minha caminhada, como isso mudou e melhorou meu olhar. Esse trabalho se tornou mais significativo à medida em que busquei melhorar durante a minha formação, pois, desse modo, tive a oportunidade de aperfeiçoar meus conhecimentos e refletir sobre minhas futuras práticas enquanto profissional docente.

Vale ressaltar que, ao longo desses anos, foram muitos os desafios que enfrentei, entre eles posso citar: a falta de um espaço adequado para realizar estudo, a atitude de alguns professores e de profissionais que fazem os atendimentos ao público, a falta de acessibilidade, a falta de recursos didáticos entre outros. No entanto, isso não me impediu de procurar mecanismos e métodos que facilitassem meus estudos e, conseqüentemente, ter um bom aprendizado.

Ao fazer uma avaliação entre o que vivi anos atrás e o que vivo hoje, pude concluir que em muitos aspectos não sou mais a mesma, pois acredito que no início de minha vida social tive muitas dificuldades, mas que hoje não as vejo com maus olhos, e sim utilizo como degraus de experiências para melhorar ainda mais minhas atitudes. E atribuo essas mudanças ao conhecimento que obtive durante os estudos do magistério, cursos, seminários, palestras e em minha graduação em pedagogia, que ora estou concluindo.

Todo esse percurso trilhado na busca pelo conhecimento me proporcionou novos olhares em relação à prática docente. O ato de ensinar é um desafio para qualquer educador que esteja disposto a aprender e mediar o conhecimento para os seus alunos, sejam eles deficientes ou não. Acredito, por certeza, que a escola é um lugar de aprendizagens, de troca de conhecimentos e experiências que precisa levar em consideração as diferentes aprendizagens adquiridas em todas as esferas do conhecimento. Respeitando os saberes e a cultura dos alunos adquiridas em outros ambientes, a escola deve realizar os planejamentos de estudos e pesquisas, procurando melhorar o ensino e aproximação das famílias no processo de ensino e de aprendizagem de todas as pessoas.

Acredito, assim, que os conhecimentos que obtive no decorrer da minha formação, tanto nos cursos de formação continuada como no dia a dia e na vivência com os colegas, tornou-me uma pessoa melhor e me levou a querer sempre melhorar o meu fazer em tudo.

Em vista disso, penso que a minha história de vida pode contribuir para a formação de futuros professores e pessoas que, de alguma forma, sentem-se incapacitados para continuar lutando por algo melhor em sua vida, ou mesmo, daqueles que já estão atuando. À medida que tenham acesso à leitura deste artigo e passarem a conhecer a minha trajetória de vida, perceberão que as trajetórias de vidas são marcadas por desafios e aprendizagens que modificam não apenas o nosso fazer diário, mas também o nosso modo de ver e encarar muitas coisas durante a nossa vida.

Todas as experiências que vivi ao longo desses anos me levaram a fazer mudanças na minha vida e a refazer constantemente uma autoavaliação sobre a minha vida pessoal, rompendo com alguns conceitos e concepções que, durante muito tempo, estiverem

arraigados em mim e que refletiram diretamente no meu trabalhar diário. Acredito que minha história contribua para que pessoas sejam persistentes na busca por conhecimento e formações que os levem a melhorar suas práticas e que se tornem capazes de refletir de forma crítica sobre suas ações diárias.

Aprendi ao longo desse tempo, que nós, enquanto pessoas com deficiência, não devemos desistir de lutar por uma educação de qualidade em nosso País, tendo consciência de que essa luta não é fácil, mas é possível. Aprendi também que sempre devemos lutar pelos nossos objetivos, sejam eles pessoais ou profissionais. Tenho certeza de que as lutas travadas em minha trajetória pessoal não foram em vão e que o desafio, o cansaço, o medo e a ansiedade existente no decorrer de minha caminhada em busca por conhecimento, tornou-me uma pessoa melhor com grandes possibilidades e potenciais de ser uma boa profissional no futuro.

Penso que me constitui uma pessoa melhor a partir de cada vivência que tive, tanto no campo pessoal como no profissional, a partir de cada pessoa com quem convivi e com as quais aprendi, ainda que muitas vezes essa aprendizagem tenha sido dolorosa, eu procurei tirar lições dela. Assim, o caminho que trilhei até me tornar a pessoa que sou hoje, tudo o que construí e desconstruí nesse percurso, devo aos meus pais, professores desde a educação infantil até a graduação, colegas, aos amigos do grupo de estudo Ruaké, aos professores que tive ao longo de minha formação profissional e de forma especial, aos meus amigos da escola Alvares de Azevedo e familiares que acompanharam e acompanham até hoje a minha caminhada em busca de conhecimento e aperfeiçoamento com a deficiência. Com todas essas pessoas, aprendi a “ser o que sou”.

REFERÊNCIAS

- ALLPORT, G. W. **The nature of prejudice**. Massachussets: Addison-Wesley, 1979.
- ARONSON, E. Prejudice. *In: The social animal*. New York: Worth Publishers: Freeman and Company, 1999, p. 304-363.
- CADAU, Vera Maria. **Reinventar a escola**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000^a.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1993.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. 20ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

GATTI, Bernardete A. O curso de Licenciatura em Pedagogia: dilemas e convergências. **EntreVer**, Florianópolis, v.2, n3, p.151-169, jul/dez. 2012.

HALBWACKS, M. **A memória coletiva**. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

HOBSBAWM, E. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

IANNI, O. Enigmas do pensamento latino-americano. In: IAMAMOTO, M. V.; BEHRING, E. **Pensamento de Octavio Ianni. Um balanço de sua contribuição à interpretação do Brasil**. Rio de Janeiro: Faperj/Centro de Estudos Octavio Ianni/7 Letras, 2009, p. 195-244.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Ed., Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.

LOWENTHAL, David. **Como Conhecemos o Passado**. Projeto História. São Paulo: EDUC, 1981.

NEVES, Margarida de Souza. História e Memória: os jogos da memória. In: MATTOS, Ilmar Rohloff (Org.). **Ler e escrever para contar: documentação, historiografia e formação do historiador**. Rio de Janeiro: Access, 1998.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, 1993.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos históricos. N. 10, Rio de Janeiro, 1992.

POULET, G. **O Espaço Proustiano**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

REICH, W. God and Devil. In: REICH, W. Ether, god and Devil. **Cosmic Superimposition**. Tradução de Therese Pol. New York: Farrar, Strauss & Giroux, 1973c (Trabalho original publicado em 1949).

SILVA, Laura Andréa de Souza Prado. **O Pedagogo em espaços não Escolares**. In: XI Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e VII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba. Universidade Camilo Castelo Branco. São Paulo, SP, 2007.

Trierweiller, P. C. Repertórios artístico-culturais de professores da educação infantil: discursos e sentidos estéticos. In: KRAMER, S.; ROCHA, E. C. (Org.). **Educação Infantil: Enfoques em diálogo**. Campinas: Papyrus. (2011).

